

B

0
0
0
0
1
3
2
1
2
6



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY

PQ

9261

B49

A6

1805

COLLECCÃO
DOS NOVOS IMPROVISOS
DE BOCAGE

NA SUA MOLESTIA,
COM AS OBRAS, QUE LHE FORÃO DIRIGIDAS
POR VARIOS POETAS NACIONAES;

DEDICADA

A SEU BENEFICO AMIGO

O SENHOR

MARCOS AURELIO
RODRIGUES,

CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO, DEPUTADO,
E THESOIREIRO DA JUNTA ECONÓMICA,
ADMINISTRATIVA, E LITTERARIA DA IMPRESSÃO REGIA.

Da placidam fesso, Lector amice, manum.

Ovid. Trist. Lib. 3. Eleg. 1.

Bocage, Manuel Maria de Barbosa du



LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1805.

Por Ordem Superior.

6/12/79

AO SENHOR MARCOS AURELIO RODRIGUES;

Carminibus vives tempus in omne meis.

Ovid.

SONETO DEDICATORIO.

Piedoso Aurelio meu, Carácter puro,
Caro ás Virtudes, na Moral perfeito,
Que do Vate, arreigado em triste leito,
Doiras c'um Sol benigno o tempo escuro:

Por ti de novo á Patria dar procuro
Versos, que a Dor, e a Gratidão tem feito,
E versos d'alto dom, d'alto conceito:
No Quadro sombra, e luz assim misturo.

Teu oiro, e (seu mór preço) o teu desvelo
Brilhe a favor de Elmano, a bem do Amigo,
E alongue á Musa os sons na voz do Prelo;

Que eu, da Memoria já Credor antigo,
Juro pagar (e a seu Thesoiro appello)
(1) A divida, em que ha tanto estou contigo.

A 2

(1) Foi sempre com os Thesoiros da Memoria, e da Fama que os Poetas pagarão á seus Benefactores; mas esta paga sempre mui valiosa para as Almas sensiveis, e elevadas.

Ao Senhor José Pedro da Silva.

S O N E T O .

Josino amavel, que, zeloso, engrossas
Bens, que mesquinho Apollo aos seus permite,
Que os, não longe talvez de ermo Limite,
Agros meus dias, compassivo, adoças:

Do honroso pléctro meu com jus te apóssas;
Fólga: os Fados me dão, que a sombra evite,
Em que altas Famas some o negro Dite,
(1) E a que ás Torres fatal he como ás Choças.

Febéa Prepotência os Tempos doma;
Com teu nome por mim, que cinjo o loiro,
Alvo Padrão na Eternidade assoma:

Dest'arte, abrindo o Genio o seu thesoiro,
Outr'hora, n'alta Grécia, e n'alta Roma,
Pagava em metro o que devia em oiro.

(1) Imitação de Horacio.

A' Patria.

S O N E T O.

De Elmano a Musa, que entre imagens véla,
 Em quanto, ó Natureza, estás calada,
 Carpia, do aureo Pluto abandonada,
 E Pluto era de bronze aos prantos d'ella:

De Elmano a Musa, que a Memória anhéla,
 Conformà o plectro em dor co'a voz magoada;
 E dos piedosos sons Tu apiedada,
 Gemes, ó Lysia, ó Mãi suave, e' bella.

Qual arde avara sede ante hum thesoiro,
 Patrio Amor ante o metro me flammeja,
 E o que em verso me extrahê, me volve em oiro.

D'alma emtorno a sorrir-se a Gloria adeja;
 E (meicé d'alta Lysia) immune o loiro,
 Entre as sombras lethaes inda verdeja.

*Ao Senhor Francisco de Paula Cardoso de Almeida, Mor-
gado de Assentis, por occasião de versos admira-
veis que me enviou.*

S O N E T O.

Mimo das Graças, te florece o Canto,
De ternas sensações inda orvalhoso;
D'alma, que em néctar inundei saudoso,
Foge a Dor, foge o Mal, foge o Quebranto.

São melodia os ais, delicia o pranto,
Que excita o verso teu gentil, mimoso:
Por elle jura Amor ser mais piedoso,
E sente a Natureza hum novo encanto.

Estro do coração! Teus sons, teus lumes
Dos Montes de perenne amenidade
Tentem no longo adejo os flóreos cumes:

Versos, não vos merecé a férrea Idade;
Gozai no Olympo, ó Musica dos Numes,
Vosso Ouvinte immortal: a Eternidade.

S O N E T O.

O' Nynfa, que das Graças melindrosas
 Tens na face a lindeza, o riso, as côres,
 Na face, mimos toda, e toda flores,
 Que he metade jasmins, metade he rosas!

Nynfa suave, para quem saudosas
 Dou mágoas mil aos Zéfýros, e Amores!
 Tu gozas de meus ais, e dos louvores
 De estremado Cantor, meu bem, tu gozas!

Em sons (pinceis Febêos) em sons copia
 Teu rosto, hum Céu: do Original o encanto
 Eis, eis n'alma em tumulto a Imagem cria.

Eu Vate, eu Amador, não lógro tanto!
 Amor fogo me dá, Fébo harmonia:
 E és mais no coração do que és no canto.

S O N E T O.

Comtigo, Alma suave, Alma formosa,
 Celeste Imagem, de que o Ceo me priva,
 Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva,
 Lei (sendo ethérea!) ao coração penosa.

Vendo sumir-me por Mórada umbrosa,
 Ah! Não desmaies, a constancia aviva;
 E por artes de Amor, de Amor ó Diva,
 Do não gosado Amante os Manes gosa.

Mais doce orvalho de teus olhos dêça
 A' (linda como tu) melhor das flores,
 Que em torno á campa se abotõe, e creça:

Passéa entre os Meninos voadores,
 Une a Mãi aos Filhinhos; e pareça
 Da Morte a solidão jardim de Amores.

S O N E T O.

Ave da Morte , que , piando agoiros ,
Tinges meus ares de funéreo luto !
Ave da Morte , (quem teus ais a escuto)
Meus dias murcharás , mas não meus loiros .

Dou-me Fébo aos Séculos vindoiros ;
Deponho a flor da vida , e guardo o fruto ;
Pagando em vil materia hum vão tributo ,
Retenho a posse de immortaes Thesoiros .

Nome no Tempo , e Ser na Eternidade !
Que Fado ! O' Ponto escuro , assoma embora ;
Dê-me o piedoso a Deos commum Saudade ;

E , rindo-me na çampa os dons de Flora ,
Mais do que elles a adorne esta verdade :
» Lysia cantava Elmano , e Lysia o chora . »

S O N E T O.

De hum Nume aos ais d'Elmano ó dom mimoso!
 Thesoiros meus! Aljôfares de Amores!
 Ao ver-vos deslizar, cahir nas flores
 De hum gesto, como os Deoses milagroso:

Orvalho pareceis de Ceo piedoso,
 Que meigo alivio insue em agras dóres,
 Que humedece estes áridos vapores,
 Este hálito da Morte infesto, ancioso.

Sentindo o coração por tî regado,
 Comtigo ó néctar, a existencia encanto,
 E brando para mim se ri meu Fado!

Amada! Jove, e tu só podem tanto!
 Meu Mal dorme, repousa, embriagado
 Das mil delicias, que me dá teu pranto.

S O N E T O.

No Abysmo tragador da Humanidade
 (D'ella, d'ella não só, de quanto existe)
 Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! Viste
 Sumir-se a florecente, e a marcha idade! (1)

Olha em muros, que veste a Escuridade,
 Olha a cõr de teu Fado, a cõr mais triste!
 Talvez (e agora, agora!) Elle te aliste
 No volume, em que lê a Eternidade!

O' tochas funeraes! Clarão medonho!
 Da Morte ó mudas, solitarias Scenas!
 Em vós arripiado os olhos ponho!....

Ah! Porque tremes, louco? Ah! Porque penas?
 Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
 Em Climas de oiro, em Regiões amenas.

(1) Na Propriedade, de que habito hum dos andares, tem morrido, ha quatro mezes, hum homem de mais de sessenta annos, huma de minhas sobrinhas, de idade de cinco; e ultimamente huma moça de dezoito.

S O N E T O.

A rigidas lições do férreo Zeno (1)
Se torce o coração, se enruga o rosto:
Fallaz Systema, e de aridez composto,
Que ás fecundas paixões sécca o Terreno!

Por timbre em metro de oiro o doira Oleno, (2)
E, á doce Natureza o nunca opposto
(Rindo entre flores, vicejando em gosto)
(3) Genio desliza de Epicuro ameno.

Elle (bem que o difame o Vulgo rude)
D'almos Prazeres pela mão nevada
De espinhos despe o trilho á sãa Virtude;

Veste de rosas a macia estrada,
A Moral formosêa, e não me illude:
Querendo que de hum Deos ostente hum Nada.

(1) Chêfe da Seita dos Estoicos.

(2) Moniz.

(3) Em nossas bons Authores = deslizar = he não tocar, omitir.

Ao Senhor José Agostinho de Macedo.

Nomen erit indelebile nostrum.

Metam. lib. 15.

S O N E T O.

Versos de Elmiro os Tempos avassallão,
(Versos, que imprime em si a Eternidade)
São novos estes sons na Humanidade!
Cantas, ó Genio, como os Deoses fallão.

Parece, que as Pyramides se abalão
A Agoiros de terrivel magestade,
Que a marmórea, estupenda Immensidade
Das Moles do alto Nilo á terra igualão! (1)

Meus Dias (de oiro já como os primevos)
Salvas do cru Saturno, e Morte crua,
D huma, e d'outra existencia Algozes-sevos:

Rivaes a duração do Sol, e a sua, (2)
Calcando a Parca, atropelando os Evos,
Elmano vivirá da Gloria tua!

(1) Allusão aos seguintes versos de huma Ode que Elmiro me enviou:

De teu ferro cortadas,
Hum dia hão-de ser pó, ser nada hum dia, etc.

(2) Allusão ao verso da mesma:

Cõa duração do Sol teus versos vivem. etc.

Ao Senhor Bento Henriques Soares.

S O N E T O.

Jonio meu, inda meu, (1) (porque o jazigo,
 Titulós immortaes! Não vos devora)
 Que encantador, e que encantado outr' hora,
 Luz eras d'elle, e tua luz o Amigo!

D'Elmano he grato á Dor vagar contigo
 Plagas fataes, onde o Silencio mora,
 He doce á minha Dor, que em vão te chora,
 Das sombras tuas suspirar no abrigo.

Vate de Ignez! Perdêrão-te os Amores,
 Que em ti gozavão duplicado encanto:
 Flores no metro, e no carácter flores.

Sôpro da Morte se gelar meu pranto,
 Ais canoros o claro entre os Cantores (2)
 (3) Sagre aos dois Genios, que se amarão tanto.

(1) João Baptista Gomes Junior, Author da nova Castro,

(2) Bermuino Duriense.

(3) A semelhança dos talentos, que entre muitos he fonte de malquerença, e detracção, era em Junior, e em mim o reforço da sympathia reciproca.

*Ao Senhor Pedro José Constancio , por occasião de outra
 que me remetteo.*

S O N E T O.

Nos Elysios de Amor endeosada,
Quadros tua Alma esparze encantadores :
Deo-lhe as graças n'um riso, e deo-lhe as côres
De Adónis doce Amante, e doce Amada.

Sonhando, attráhe a Idéa embellezada
Néctar de gostos, hálito de flores :
Perde-se, esváe-se em extasis de Amores,
E hum Céu parece á fantasia o Nada.

Por gloria, almo Pintor, ou por piedade,
Novos encantos do pincel risonho
Envia á Dor, que geme em soledade. . . . (1)

Doire-se, ó Morte, assim teu véo medonho :
Ah! Quero amaciar tua verdade,
Tua férrea verdade em áureo sonho!

(1) A doçura do verso de Bingre em huma Elegia:

O' Rôlas, que gemeis em soledade!

Fez com que mui de propósito o arremedasse aqui.

*Ao Senhor Francisco José da Paz, na morte de
sua Esposa.*

S O N E T O.

Deploro, caro Amigo, o que deploras
Com porfiósa dor, com dor interna:
Perdêste a doce Esposa, a Socia terna,
Que presente adoráste, e longe adoras.

Mas pensa, quando gemes, quando choras,
Que por alto Poder, que nos governa,
Ella habita do Bem na Estancia eterna,
E na Estancia do Mal tu inda moras.

Revê no coração, na fantasia
A índole gentil, suave, e pura,
Com que menos que o Ceo não merecia;

Olha cultos gosando a Cinza escura:
De Corpo, em que brilhava huma Alma pia,
He quasi, he quasi altar a sepultura.

Ao Senhor Henrique José da Silva.

S O N E T O.

Altas Filhas do Genio, Irmãas formosas,
O' Poesia! O' Pintura! O' par sagrado!
Que nos Jardins de Amor colheis mil rosas,
Arcanus mil nos Penetraes do Fado!

Em vós absôrto, em vós extasiado,
Da Sorte não me acurvo ás leis penosas!
Jove! Por ambas ao Mortal he dado
Que logre em Homem, o que em Numen gosasa

Forçando ao pasmo as Almas superiores,
Transluz hum ar, hum estro, hum ser divino
Do plectro, e do pincel nos sons, nas côres:

Honra Elmano o pincel, e o plectro Henrino:
Compete ao Vates dois, aos dois Pintores
Correr na Eternidade igual destino.

Em agradecimento ao primoroso desempenho com
que me retratou.

As Senhor Henrique Pedro da Costa,

S O N E T O.

Toldado o fóco á luz da Fantasia,
Turva do metro a límpida nascente,
Inercia do corpo, soledade a mente,
Em ocio, ou em lethargo a sympathia:

O Elmano outr'horá, o Vate de algum dia,
O que sentio, pensou, viveo, não sente,
Nem pensa, eu vive: autómato, não Ente
He mão, que versos machinaes te envia.

Tu lhe enverdece c'um bafejo a palma,
Faze hum prodigio mais, tu, mais que humano,
A quem nunca de Cirha (1) o vento acalma;

E Lysia júlgará, com doce engano,
Que em momento Febèo creando-os n'alma,
Eu pensava, eu sentia, eu era Elmano.

(1) Cidade consagrada a Apollo.

Do Senhor Pedro Ignacio Ribeiro Soares, pela brilhante
Ode com que me honrou a desgraça.

S O N E T O.

Eu, este (1) cujos dons medrarão tanto
De cultura gentil no brando esteio,
Eu, que da meiga Patria unido ao seio,
No afago maternal nutri meu canto:

Vergava ao pezo de mortal quebranto,
Quando teu hymno, teu milagre veio
(De harmonia, de luz, de gloria cheio)
Minha alma repassar d'hum lume santo.

Bem que das Musas docemente amado,
Se temi d'huma Idade a outra Idade
Não poder alongar-me em nome alado:

Cresco em teu estro, sinto-me Deidade;
Já, já pizo os Salões a Jove, ao Fado
No Pavimento azul da Eternidade.

(1) Os amadores da Latinidade acharão talvez sabor neste
arremedo do = *Ille ego, qui quondam*, etc.

Ao Senhor Antonio Mendes Bordalo.

S O N E T O .

Ancias inda teu metro , e raivas custa
A' lacerante Inveja desgrenhada ;
A lyra sôa em ti não descassada ,
E a voz cadente os numeros lhe ajusta.

Alta Razão , Filosofia augusta
Trôa , n'hum digno tom porti vibrada ,
E do igneo arremessão cahe fulminada
A d'inglórios Mortaes caterva injusta.

Teu plectro , e plectros (de que está sedenta
A Mãe dos Tempos , que a Virtude enrama
Com lauro , que o verdor no Olympto ostenta)

Elmano adora como Delio os ama :
No som , que o ser , e a gloria me aviventa ,
Tomo á Vida o sabor , e o gosto á Fama.

Retribuição do Soneto , que me mandou.

Ao Senhor Vicente Pedro Nolasco da Cunha,

S O N E T O.

Tu , que do grão Cantor da Natureza , (1)
 De oiro em flores , ó Vate , e em fructos de oiro ,
 A' Patria déste Hespérico thesoiro ,
 De altos quilates , de immortal riqueza :

Tu , que sóbes co'a mente , em Febo acceza ,
 Lá onde a Gloria cinge eterno loiro :
 A teu nome , em teu verso vivoiro ,
 Contra a Morte moral já tens defeza .

Innove ás Artes , que embellezão tanto ,
 Desarreigue ás Sciencias não mimósas
 Flores , e espinhos teu plausivel canto .

Não sages a meu Mal dom , que amplo gosas :
 Basta ao Vate , que geme , o som do pranto ,
 A' Dor são néctar lagrimas piedosas .

Em agradecimento ao Soneto que me enviou,

(1) Darwin , Poeta Inglez , Author do Jardim Botânico , Poema.

Ao Senhor José Nicoláo de Maçueles Pinto.

S O N E T O.

Do Coro arguto de Febêos Cantores
Josino he doce parte, he Soejo amado :
Vio, commetten, vingou com genio alado
Monte, espinhos em baixo, em cima flores.

Néctar lhè ferve (que libais, Amores)
No metro, pelas Graças torneado ;
E poem na Eternidade, e poem no Fado
Olhos impunes, do Porvir senhores.

Do coração nos dons ou mais, ou tanto,
A Cópia minha olhou, deo-te homenagem, (1)
O' Deosa, Irmã de Amor, em verso, em pranto,

Não tremo de que os Seculos me ultrajem :
Lá (mercê do Pincel, mercê do Canto)
Meu nome vivirá, e a minha imagem.

(1) Alludo aos sentimentos mayiõeses, com que vio o meu retrato.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage

S O N E T O.

Ao som da lyra o Thracio, egregio Vate
Devassa as tristes Regiões do Luto,
Encanta as Fúrias, adormece o Bruto,
Que no Orco ás Sombras por tres bóccas late;

Obtem do Esposo da triforme Hecáte
Da Amada a posse, d'harmonia fruto:
Que a maga força do seu canto arguto
Lhe alcança o ledo, insólito resgate.

Mas inda, que da Estancia somnolenta
Pôde avocar a misera Consorte,
Da Lei geral he victima cruenta:

Mais digno Elmano do favor da Sorte,
Como do Lethes o seu nome isenta,
Salva seus dias do furor da Morte.

De Belchior Manoel Curvo Semmedes

Ao Senhor Belchior Manoel Curvo Semmedo.

S O N E T O

Pelas rimas do antecedente,

Maga Lyra de Amor, que ao Thracio Vate
(Lá na Estancia fatal dos Ais, do Luto)
Dêste ameigar o enorme, horrivel Bruto,
Que no férreo Portão braveja, e late :

Lyra piedosa, que, apiedando Hecáte,
Colheste em chão da Morte hum doce Fruto,
Revives no aureo plectro, ameno, arguto,
(Do lethal captiveiro alto resgate)

Sim, divino Cantor, na somnolenta
Mansão das Parcas se a gentil Consorte
Visses em flor cahir, por Lei cruenta :

Portas do Orco (arrancando a chave á Sorte)
Desfecháras co'a mão, de susto isenta :
E outro milagre soffreria a Morte.

Bocage.

S O N E T O.

Planta mimosa, de louções verdores,
De amorosos perfumes! Planta bella,
Fade-te o nome do meu Bem, daquella
Que he Ceo nos olhos, néctar nos favores!

Gravado apenas, te dará mil flores,
Depois mil fructos, que o Desejo anhéla:
Súbito irás medrando, e vós, com ella,
E vós, com ella crescereis, amores. . . (1)

Encantava-me assim Morfêo risonho;
Elysia, recendente amenidade,
Jardim celeste respirar supponho. . .

Eis desperto na dôr, na escuridade:
Hum relampago foi tão lindo sonho:
Tu só tens duração, cruel verdade!

(1) *Crescent illae, crescetis, Amores.*

*Ao Senhor D. Gastão Fausto da Camara Coutinho,
pelos finaes do que me enviou, e vem no pri-
meiro folheto, pag. 22.*

S O N E T O.

Dôr, que afiada o coração golpêa,
Senão toldasse o brilho á Delia flamma,
E o tom do Vate, que endeósa o Gania,
Inda a voz me alongasse, altiva, e chêa:

Com alma sólta, e do vil Globo alhêa,
(Onde Inveja o desar ao Genio trama)
Nos trilhos esmaltados de aurea Fama
Tentara os Oibes, que immortal vaguêa.

Aos hombros de Aquilão, por mim curvado,
Subirá Ceos, e Ceos: já Nume Elmano,
Bebêra Sóes, e Sóes, extasiado;

E, revocando á mente o grão Romano,
Pelos Climas da Luz, comtigo ao lado,
Hymnos te dera em metro Mantuano. (1)

(1) Camões possui o tom de Virgílio assim na Epopéa como na Bucólica: os dois Genios erão mui parecidos.

Ao Senhor Pedro José Constancia.

S O N E T O.

Cysne gentil, que modulava implume,
 A furto, a medo, pela Isménia aréa, (1)
 Cysne gentil, que da cerúlea véa,
 A medo, a furto, só roçava o lume :

Plumoso, os magos sons já não resume,
 Os vãos da Harmonia espraia, altéa ;
 De órgão canoro inspirações gorgéa,
 (Que no gorgoio se lhe sente hum Nume.)

Gralhas da Inveja! O' vós que, em vão damnosas,
 De intactos nomes extrahis veneno,
 Tal como a tórpe Arachne extrabe das rosas :

Deixai níveo Cantor brilhar, no Ismeno,
 Deixai, Filhas da Noite, Aves nojosas,
 Sorrir-se a Natureza ao canto ameno. (2)

(1) Alludo á sua excessiva modestia.

(2) Alludo ao Soneto com que me brindou, e lhe foi censurado iniquamente.

Ao. Senhor Antonio Xavier Ferreira.

S O N E T O.

Se Elmano, a quem no plectro, Ente sagrado,
Esmaltas o Porvir, e a dor tempéras,
Transcender inda ousasse em metro alado
Rodantes turbilhões de azuis Esferas :

Se, entrando o bronzeo Alvergue, onde abre o Fado
Grão Código immortal de leis severas,
Attentar, como tu, lhe fosse dado
Em promiscuo tropel fervendo as Eras :

O teu, do ethereo Ser não mui distante,
De Olympia abrilhantando amenidade,
Vira sorrir-se em flor Sazão fragrante ;

E lá, contigo, pela extrema Idade,
Firmado em muitos mil, degráo brilhante
Ir desaparecer na Eternidade.

Por occasião de hum Soneto, que me mandou.

Por occasião de se lerem alguns Sonetos do Senhor Boccage, tendo-se antes lido outro, cujo Author o attribuiu falsamente ao mesmo Poeta; mas que ninguém acreditou.

S O N E T O.

Esta, sim, he de Elmano a voz que sôa!
 Vê, Ganso grasnador, vê quanto ousaste
 Quando as plumas sacrílego arrogaste
 Do Cysne que lá surge, e ao Pindo vôa:

Como de luz a Esfera azul povôa
 Vê cá da terra, onde de rojo andaste;
 Das azas o estampido, a que aspiraste,
 Ouve, se podes, ouve como trôa!

Eis após elle já, no ar librado,
 Do Tejo o niveo Bando se remonta,
 Grato a Febo, a Sofia, á Gloria, ao Fado: (1)

Ao reclamo exultando, que reponta
 Nos labios seus, lá vai o Coro alado
 Cantar em seu louvor, e em tua afronta.

De Henrique Pedro da Costa.

(1) Allude a quatro Poetas celebrados em hum daquelles Sonetos.

*Quivindo-se em praxer hum Soneto festival, feito pelo
Senhor Bocage, como preludio de fausto alivio
na sua perigosa molestia.*

S O N E T O.

Esse, que, infante, a sórvos tragadores
Sãa doutrina, que jóvene requinta,
Bebeo do sabio Pai, (1) Luz hoje extincta,
Caudal então de metricos fulgores!

Que em jogos pueris, brotantes flores,
Junto ás ternas Irmãs (2) traçou a tinta,
Com que adulto depois esmalta, e pinta
Vergeis ufanos, trêfegos Amores!

O que em seu pleno vôo aguias empolga,
Astros transpoem, e ao Báratro profundo
Penetraes desmantéla, a Pluto amolga;

O sublime, sempar, sutil, fecundo,
O Tudo, Elmano, emfim! já ri, já folga:
Mil parabens, ó Sado, ó Tejo, ó Mundo!

De Santos, e Silva.

(1) O Doutor José Luiz Soares de Barbosa, gravissimo Jurista, e excellentissimo Poeta, fallecido ha poucos annos; e que em huma idade avançada, á imitação em tudo do grande Young, ajuntava a huma erudição prodigiosa hum fogo extraordinario.

(2) Todas de hum lindissimo espirito.

S O N E T O.

Por mais que o Tempo em circulos damnosos
Alargue o bojo ao turvo Esquecimento,
Ou de claros Heroes a cento, e cento
Deixe debalde os Pósteros saudosos:

Por mais que a tórpe Inveja os escamosos
Monstros assanhe de Tartáreo alento,
E abocanhe com labio virulento
Nomes, agora, e no Porvir famosos:

Por mais que contra o Merito a Ventura
Fulmine estragadôra tempestade,
Cobrindo os Pólos seus de treva escura;

Elmano he sobranceiro á Iniquidade:
Ha-de apenas bastar-lhe á Fama pura
Fulgorosa extensão da Eternidade.

De Nuno Alvares Pereira Moniz.

S O N E T O.

De meigo rosto, e de olhos tentadores,
 O' tu, de Venus socia em formosura,
 Se o néctar, em que Amor gostos apura,
 Elmano saborou por teus favores :

Se de Paphos colhendo as lindas flores,
 Fagueira o coroaste de ventura,
 Se com ternura, em premio de ternura,
 O conduziste ao Ceo dos Amadores :

Ao Vate, que a saudade desalenta,
 Envia, envia hum ai; viveo de amar-te,
 E com idéas tuas se aviventa :

Seus males, e seus bens contigo parte,
 Que, se a vida contigo elle sustenta,
 A fama te provêm de Elle cantar-te.

Dá mesmo.

Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage.

S O N E T O.

Vendó o Grande, o que os Fados senhorêa,
(Ente que os Orbes extrahio do Nada,)
Que sobre a Terra, a prantos avezada,
Cysne dos Numes os Mortaes recrea ;

Cala, e co'a Mente, de prodigios chêa,
Manda que volva aos Ceos, propria Morada ;
Eis negreja entre nós Furia esfaimada,
Furia, que esp'ranças lúcidas sopêa.

O suave Cantor, em verso amigo,
Dá novo brilho aos Ceos, dá ser ás plantas,
De cá das margens de árido Jazigo ;

Surprende a Morte por maneiras tantas :
Dizem, que menos fez no Tempo antigo
Thracio Amador ao Cão de tres gargantas.

Por D. Garião Fausto da Camara Coatinho.

S O N E T O.

Formosa Nynfa , e mais formosa , e pura
 Nos vivos quadros do estremado Amante ,
 Quando nos Ceos de Amor , em teu semblante
 Graças espreita , ou perfeições mistura :

Salve , Diva , que lá d'immensa altura
 O Sol desdenhas , sob os pés radiante ,
 Por milagres do metro altisonante ,
 Que eterna fama , eternos bens te augura.

Se forçando os umbraes da Eternidade ,
 Aos Pósthumos te dás em letras de oiro ,
 Deva-te o Mundo não vulgar saudade.

Do Amante , que te dá Phebéo Thesoiro ,
 Une-te ao lado ; e socia da anciedade ,
 Orna-lhe a fronte de virente loiro.

Do mesmo.

Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage.

S O N E T O.

Se á voz de Orféo na vastidão sombria
Soceçou das Euménides o Côro,
E, súbito cessando os ais, e o choro,
Nem soluçar hum misero se ouvia :

A' voz de Elmano, que dilata o dia,
Que a Phebo gloria dá, (que sempre adoro)
Negão de antigas lagrimas o fóro
Malfadados, como eu, á Sorte impia.

Não mais, Tristes, não mais : o pranto offende ;
Inda ouvireis, harmónico, e jucundo,
Esse, que os males hórridos suspende ;

Do funéreo lugar não toca o fundo :
Numen, que ama o que fez alonga, estende
A sua duração, a bem do Mundo

De Miguel Antonio de Barros.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

S O N E T O.

Fados d'Elmano , que em sevêras côres
Traçais do Tempo a miseranda historia ,
Que ao caduco verniz da Lusa Gloria
Juntais assombros , misturais horrores ;

Fados , d'alta virtude assombradores ,
Que a monstros vis cedestes a victoria ,
Dos resoantes bronzes da Memoria
D'Elmano ao nome tropejai pavores :

Ah ! Terra , Terra ingrata ! Os dias de ouro
Que te deo de seu canto a suavidade
Valêrão ferros oh funesto agoiro !

Vês o Genio morrer na adversidade ;
Pois vê tambem sua gloria , e teu desdoiro :
Começada d'Elmano a Eternidade.

De Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

S O N E T O.

(*) Cedei, Profanos, da Razão ao brado,
Que sublimes verdades anuncia:
De Bocage em triunfo a Poesia
Frende a seu carro a Inveja, e prende o Fado:

O Rico, o Grande, o mesmo Potentado
Homenagem lhe dá, votos lhe envia:
Nem sempre a Estupidez, a Tyrannia
Afronta o Sabio, humilha o Desgraçado.

Em vão do Nume, que os Mortaes iguala,
(Unindo o Luvre á misera cabana) (1)
Sobre a tua cabeça o raio estala;

Não pertences, Elmano, á Sorte humana,
Não morre quem os Tempos avassalla:
Tua vida he dos Fados Soberana.

(*) Profanes, a genoux. Boil. no Lutr.

Por Antonio Mendes Bordalo.

(1) Esta imitação he tirada de huma das Odes de Malherbe
= pauvre en sa cabane, où le chaume le couvre, etc.

S O N E T O.

Não desdenhes, Elmano, a limpa offerta
 Que fervente amizade te dirige,
 Quando eterno padrão Febo te erige,
 E o loiro seu na frente te concerta :

Do Pindo Portuguez mil ais desperta
 Do altísono Cantor a sacra Effige (1)
 Porque o Fado talvez, oh dor ! Exige
 Nossa gloria deixar de dó coberta.

O' ! Vates, moderai o pranto afficto,
 Que se o Fado escurar a voz d'Elmano,
 Ser-lhe-ha dado vencer o Fado invicto ;

Ou victima eu serei, Numen tyranno . . .
 E d'Elmano huma vez se o Genio imito,
 Divino volverei o Ser de humano.

De José Nicoláo de Maquellos Pinto.

(1) Vendo o retrato do Senhor Bocage, que muito me enternecceo.

S O N E T O.

Qual volátil implume, á Terra junto,
 Que mal sabe gemer por orgão rôco,
 D'hum leito d'affeições Elmano invoco,
 E á sóma de seus ais hum ai ajunto.

Mór offerta exigia o nobre assumpto;
 Mas do puro Sacratio, onde o provoco,
 Se aos olhos do Mortal hum ai he pôco,
 No coração de Elmano he grande, he munto.

O que o Mundo só vê, Elmano sente,
 Elmano qu'entre a dôr, em que fluctua,
 Inda Amor, inda o Ceo lhe aquece a mente:

Mas Elmano esvaêce, a dôr gradúa:
 Fica o Mundo sem elle, e o Ceo contente
 Goza então de mais perto a Imagem sua.

De Antonio Xavier Ferreira.

S O N E T O.

Nynfas do Doiro , ao vosso uni meu pranto,
 E ao Cysne , que Melpômene amimára ,
 Eu lagrimas votei mais que chorára ,
 Mais que vos fez chorar co' triste canto.

Do Tejo ás margens corro : eis que levanto
 Os olhos , que a saudade macerára :
 Traços vejo da dôr , que lá deixára ,
 Ouço gritos iguaes , cheios de espanto.

Elmano . . . ! Elmano . . . ! Em vez de Jonio , clamão
 As Tágides formosas , ladeadas
 De Alfeno , Elmiro , Oleno , que tanto amão.

Forão-lhes suas preces escutadas ;
 Elmano vive , as Graças lhe derramão
 Da vida o néctar nas canções doiradas.

De Bento Henriques Soares.

A' vista do excellente Soneto, que fez o Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage, na E'poca mais arriscada da sua Doença :

Se o Grande, o que nos Orbes diamantinos.

S O N E T O.

Há hum Deos certamente : eu sei, que o Nume
De meus inuteis votos não depende ;
Consolo-me, porém, quando me prende
Ao culto externo a Lei, Razão, Costume :

D'este Fóco sagrado o vivo Lume,
O' Bocage immortal, em fim se accende
Na tua fantasia, que lhe rende
Homenagem, do Pindo no alto cume.

D'alli, batendo as azas, vão teus hymnos,
Por entre bandos de incorpóreos Seres,
Hombrear com seus Canticos divinos.

Convidou-te a louvallo nos prazeres ;
Fallate pela voz d'outros destinos :
Então cumpriste, e agora os teus deveres.

(De hum Anónimo).

Pelos finais do antecedente.

S O N E T O.

Na Idéa, e coração te brilha o Nume,
De que esta immensa Máquina depende;
Celsa virtude a teu carácter prende,
A torna instincto em ti, e em ti costume.

Efluvio do radioso, eterno Lume,
Flamma de alta Moral teu peito accende,
E ás Leis, e ás Aras homenagem rende
Tua Alma, que dos Ceos adeja ao cume.

Quem és ignoro, e te darei meus hymnos,
Piedosa imagem de inviziveis Seres,
Que semelhas até nos sons divinos.

Desdenhas da Jactancia os vãos prazeres;
E crês (doirando em parte os meus Destinos)
Que os beneficios teus são teus deveres. (1)

(1) Alludo á desusada beneficencia, e obsequio não vulgar, com que o Author do Soneto antecedente honrou o meu nome, occultando o seu, e acodio á minha exigencia, sem querer a minima retribuição.

Ao Senhor Fr. Francisco Freire , pelos excellentes versos
 que me enviou.

S O N E T O.

De Ontânio chóras , e de Ontânio (1) cantas ,
 Teu doce , e claro Irmão , meu doce Amigo ,
 Aquelle , de quem pousão no jazigo
 Tantos Ais , tanta Dor , Saudades tantas !

Cantando , enlevas , e chorando , encantas ,
 E acórda , e vive n'Alma o Tempo antigo ,
 Quando a Quintilio , (2) no calado Abrigo ,
 Carpia o Vate , cujo som levantas.

As Artes , as Sciencias , enlutadas ,
 (As delicias de Ontânio , os seus amores)
 Depois que o virão mudo , estão caladas . . !

Ah ! Com Elle eternizem-se os Cantores :
 Altos Genios vos dem , Cinzas sagradas ,
 Versos , gemidos , lágrimas , e flores.

(1) O Conego regular de Santo Agostinho , D. Antonio da
 Visitação , abalizado em talentos , e litteratura.

(2) *Tu frustra pius (heu !) non ita creditum
 Poscis Quintilium Deos.*

Horat. Lib. 1. Ode 24.

Imperfeita expressão dos mais puros desejos pela saúde do Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage, por seu sincero Amigo João Soyé Waffer, e O'connor.

S O N E T O.

De Elmano aua vital ameaçada
 D'Atropos fera está; mas vacillante,
 De a tesoura fatal fechar, o instante
 A seu pezar suspende, sossobrada.

D'egregios Vates turba desolada
 Ao supremo dos Numes Imperante
 Mil ais, e mil suspiros, incessante,
 Exhalla, de terror sobresaltada.

Da Existencia co' pezo, esfalecido,
 E de pungentes dores trabalhado.
 O triste Jonio exclama, espavorido:

» Flammifero, potente Jove irado!
 Se és bom, se tens poder: compadecido,
 Dá, que Jonio são veja Elmano amado.

*A' ternura cordial de Soyé a cordial gratidão
de Bocage.*

S O N E T O,

Pelas rimas do anterior.

Bem que do eterno lucto ameaçada,
Folga escura Existencia vacillante,
Por Azares fataes a cada instante
Do Mundo nas Procellas sossobrada !

Vê do Pindo a Caterva desolada
(Quasi nelle despótica Imperante)
Com dor fiel, com lástima incessante
De teu mal, de teus ais sobresaltada.

Olha Jónio, o tambem desfalecido,
(De quem foge, confuso, e trabalhado,
Da Filaucia o Fantasma espavorido !)

Piedoso, implóra meu Destino irado:
O Sabio do Infeliz compadecido
(1) Hé mais interessante, he mais amado.

(1) Glosei este verso, que he o ultimo de hum d'os Sonetos do II. Tomo das minhas Poesias.

S O N E T O.

Se a Mórte affoga de Bocage o canto,
 Se as forças promptas do Immortal não decem,
 Se os Céos á vóz da Dor não se enternecem,
 Perdes, ó Lysia, teu melhor encanto.

Ah! Vê, que hum Vate assim merece tanto
 Como os Heróes que as Eras ennobrecem:
 Faze vótos, as súplicas não cessem,
 Impede o luto em fim, a mágoa, o pranto.

Eu vejo Lysia aos pés do Altar sagrado;
 O hálito de hum Deos sorvo, e respiro:
 Bocage á Morté, á campa está salvado.

Parabens, Portugal, Mundo!... Eu deliro....
 Não deliro: nos Ceos está mandado,
 Que de Ulysséa o Sol não finde o giro.

Por Fr. Joaquim Botelho.

Retribuição de Elmano.

S O N E T O.

Pelos finais do antecedente.

De Elmano antes da morte hé morto o canto ,
Do Pindo inspirações já lhe não decem ;
Mas inda aos que em seus males se enternecem
O que sómente hé dor parece encanto.

Ah ! Ditoso o que deve á Patria tanto ,
Ditoso o que altas Musas ennobrecem !
Bem que afinçadas oppressões não cessem
De abrir-lhe , mais , e mais , a fonte ao pranto.

Da mente , em que fervia o gás sagrado ,
Hum Deos , que respirei , já não respiro ,
Hum Deos , por quem do Nada estou salvado.

Nos versos , que te dou , talvez deliro :
Da Sorte aos meus pousar foi já mandado ,
E aos teus impõe seguir da Fama o giro.

S O N E T O.

D'excelsos, dignos Vates cópia ingente ;
 (Que debaixo do Dêlfico estandarte
 Raias do Luso Engenho alongue, aparte)
 Marchar se via, com Bocage á frente :

Ornão-lhe o lado Heróes de fogo ardente,
 Insignes Capitães de pezo, e arte ;
 E na bagagem vai, qual velho Marte,
 O Cego, o Estropeado, o já Demente. (1)

Eis que de repentina, atroce queixa
 E gróta o Chefe ; aspérrimo quebranto
 As mãos lhe tolhe, a sacra voz lhe feixa !

Pallésce a Tropa illustre, opprime o canto
 Da tuba portentosa, os lauros deixa :
 As palmas, os troféos, são dór, são pranto !

Por Thomaz Antonio dos Santos, e Silva.

(1) Ninguém ainda distou mais da demencia.

Nôta do Editor.

*Em resposta ao antecedente, pelas mesmas rimas.
Elmano a Tomino.*

S O N E T O.

Indigena immortal do Pindo ingente,
Alças na dextra o Dêlfico estandarte;
Une-se Elmano (como ao todo a parte)
A ti, para ostentar croada frente.

Igneos vãos lhe dá teu Estro ardente,
Quando, opulento em genio, e rico em arte,
Pintas glorias de Amor, furias de Marte,
E qual foi Coridón és só demente. (1)

Nectarízas (2) no metro o gosto, a queixa,
E ouvindo-te, ora em riso, ora em quebranto,
Absórto o Pensamento, as azas feixa.

Quão varias sensações produz teu canto!
N'alma, no coração que effeitos deixa!
Ou júbilo! Ou terror! Ou pasmo! Ou pranto!

D

(1) *Ah Coridón, Coridón, quae te dementia cepit!*
Virg. Eclog. II.

(2) Ousei inventallo; julgo-o preciso: o Público decida.

*Ao Senhor Bocage, pelo retrato que delle fez o Senhor
Henrique José da Silva.*

S O N E T O.

Pincel que rivaliza a Natureza,
(Em rasgos della, e seus propondo engano)
Com sábia tinta aviventando Elmano,
Transpôz limites da humanal destreza.

O grão Vate, a quem lustra a mente acceza,
Aureo padrão lhe ergueo em metro ufano;
Dêrão-se contra Esquecimento insano
Pléctro, e Pincel-reciproça defeza.

Vezes duas aos Dois, quasi divina,
Ampla Memória no Futuro alveja.
Que á duração dos Segulos confina.

A vista pelo Tempo estênde a Inveja,
E, ao clarão que a deslumbra, e que a fulmina,
Curya-se, e cahe, e mórde-se, e pragueja.

Por Nuno Alvares Pereira Moniz;

Ao Senhor Henrique Pedro da Costa.

S O N E T O.

Febo no ethéreo Plaustro omni-fulgente,
 (Aureas as ródas , o eixo adamantino)
 Clamou do Campo immenso , e cristalino :
 » Honrou-me , ó Natureza , ornar hum Ente.

No Olympo (he tal meu jus) me foi patente
 O d'alta Creação Cofre divino :
 Vi , não perfeito ainda , o ser de Henrino ;
 Obtive enriquecéllo , e dei-lhe a mente. »

» Eu dei-lhe o coração , melhor thesoiro ;
 (Responde Natureza ao Nume ufano)
 E ao teu prefere. da Virtude o loiro :

Transcende na ternura os grãos de humano ;
 E seu canto não só , tambem seu oiro
 Mitiga os males do jacente Elmano.

Boçage agradecido.

Ao Senhor Bocage.

S O N E T O.

Mal forão nados os virentes loiros
 Com que te ornei a creadora testa,
 Eis me trôa o grasnar de gralha infesta,
 Dada a crestallos, rouquejando agoiros.

Eber me assusta, sem lograr Vindoiros,
 Tragos do Lethes, que Mortaes detesta:
 Implorô Elmano contra o Mal que empesta
 Genios que adejão a immortaes Thesoiros.

Prestes baixou da Região do Dia,
 Zoilos mordazes aterrando, irado:
 Eis me bafeja, me afervóra, e guia;

Depois, ardendo em estro arrebatado,
 De novo altêa o vôo á lactea Via,
 Rival dos Numes, vencedor do Fado.

De Pedro José Constancio,

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

S O N E T O:

Assim como a Serêa sonorósa
 Canta aos bramidos da procella ingente,
 Tal do aneurisma, rápido, tuemente
 Desprende Elmano a voz melodiósa.

Não has-de, Hespanha, alardear vaidósa,
 Co'a intrepidez na moribunda frente
 Desse, (1) que, ao borbulhar do sangue quente,
 S'espelha sobre a fonte sanguinósa.

Não se horroriza c'o pavor da Morte
 Quem no berço, das Musas embalado,
 Correo á Gloria, seu farol, seu norte.

Olha o padrão, que te erigio teu Fado:
 As Obras vivem; vivirás tu forte,
 Sorriñdo a estragos mil do Tempo irado.

De Pedro José Constancio.

(1) Séneca.

*Enviou-me do Porto meu benéfico Amigo o Illustrissimo
Senhor Desembargador Vicente José Ferreira
Cardoso o seguinte*

S O N E T O.

A Fama derramou lúgubre agoiro,
Que as Musas assustou no ethéreo Assento,
Annunciando o ultimo momento
De Elmano, que afinava a lyra de oiro.

Velóz correndo desde o Tejo ao Dóiro,
A triste nóva espalha o sentimento,
E, para não sér d'outrem ornamento,
As folhas despe verdenegro Loiro.

Lysia, por sua voz enriquecida
C'os thesoiros de Grecia, e mais de Roma, (1)
Tudo daria por salvar-lhe a vida:

Eis que no Geo de luz hum raio assoma,
E Camões apparece em dura lida,
Braço a braço co'a Mórte, até que a doma.

(1) Bellas traducções do Senhor Bocage.

Resposta de Bocage pelos finais do antecedente

S O N E T O.

Eu cantava de amor: eis negro agoiro
Sahe d'Ave negra, em doloroso accento;
Tremi, calei-me, e no fatal momento
Baqueou-me, estalando, a lyra de oiro.

O Tejo (a que era então qual és ao Doiro)
Co'as Filhas murmurou de sentimento:
Foi-me a Folha immortal vão ornamento,
Ferio-me o Raio, irreverente ao Loiro.

Da mente, que lustrava, enriquecida
O' Grecia, de teus dons, dos teus, ó Roma,
Vai-se escoando a luz co'a luz da vida;

Mas inda ás vezes n'alma hum Deos me assoma,
E o Pensamento audaz forceja, e lida
Por dar-me o nome, o jus que os Tempos doma.

João Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

S O N E T O.

Além da Natureza, além do Fado,
Grande nos males, grande na ventura,
Não treme a teus horrores, Sepultura,
Entre os Sabios o Sabio eternizado.

O Tempo Saturnal, Tempo doirado
Do Vate á maga voz renasce, e atura,
Que a do Barro porção molesta, impura
Não deixa o grande Espirito eclipsado.

O Vate, quando pulsa a lyra ufano,
Tem morada onde os Numes tem morada,
E á triste Humanidade he soberano.

Ah! Se a vida dos mais he sonho, he nada,
Vida sem morte conseguiste, Elmano,
Que ás Musas, e á Paixão foi consagrada.

De José Rodrigues Pimentel, e Maia.

Ao Senhor José Rodrigues Pimentel, e Mãe.

S O N E T O.

Tu, que, tão cedo aventurando as pennas,
Ave gentil de Amor, transpões o cume
Dos montes do Universo, e no de hum Nume
E's doce ao Còro das Irmãas Camenas :

Tu, que dos Cysnes as canções amenas
Desatas em dulcisono queixume,
Sem que o lethal, irresistivel gume
Talhe o fio sutil aos sons que ordenas :

Do Vate, opprèso de intimo quebranto,
Colhe, ameniza o tom, que em vão forceja
Por ser, qual era, delectavel canto.

Já debil, tibio já, meu Estro adeja,
E entenebrece a mente, e põe-lhe espanto
A Morte, que no peito me rouqueja.

Esage.

Ao Senhor Bocage.

S O N E T O.

Elmano desditoso, a quem a Sorte
 Ameaça cortar da vida o fio,
 Vás bem verde sulcar o lento rio,
 Que he forçoso passar depois da morte!

Mas não deves temer que o mesmo corte
 Possa o braço cruel, myrrado, e frio
 Do Tempo (que retalha sem desvio)
 Dar nos versos, que o Genio tem por norte,

Taes são os que tecêste, e vás tecendo,
 Modêlos de sonora valentia,
 Que, saudosos de ti, ficámos lendo;

E arredado Vindóiro, noite, e dia,
 Absôrto escutará Tritão, gemendo
 (1) A' Foz do Tejo, em bronca penedia.

Tenho recebido varias provas amigaveis, por este
 método, para mim desaprazivel, porque tolhe as mós-
 tras da minha gratidão.

Bocage.

(1) Verso do Senhor Bocage no seu Idyllio = Tritão = .

Ao Senhor Antonio José Alvares.

E P I S T O L A.

Foi lida, foi relida, e grata, e doce
 De Elmano ao coração, já murcho em magoas,
 Epistola gentil, com que revestes
 A Razão de harmonia: he oiro o estilo,
 Sentimento a moral, ternura o metro,
 Amor huma virtude, hum Ceo Beliza.

Candido Cysne, de recentes plumas,
 Alças ditoso adejo em ares novos,
 Donde sem conto os I'caros baquidão;
 De Fébo nos Jardins és tenro Arbusto,
 Que já com fructos lisonjêa o gosto.
 Natureza he terreno, Arte he cultura:
 Esta lavre, amacie, adube aquella;
 Médre engenho novel co'as leis de Horacio,
 Thesoiros da Razão: lê, pensa, escreve,
 E cedo, emtorno a ti, latindo os Zoilos,
 Tentaráo denegrir-te, hão de illustrar-te.
 Agro, difficil, ingreme, espinhoso
 O espaço que nos sóbe ao grão de Vates,
 Pouco a pouco, em lições que o Genio guião,
 Se vai desempeçando, e vai polindo,
 Até que lá no cimo he flores todo.

Tu de razão, de sentimento abundas,
Estro possúes, experiencia gozas,
Arte não tens: o que não tens grangêa.

Taes noções extrahio da mente a custo
Elmano, o prezo ao leito, ou prezo á morte.

Boaga

Ao Senhor Bocage.

EPISTOLA.

V Oáste onde voou altivo Cysne,
 Que, anhelando, mortal, o ser divino,
 Conseguiu d'immortal a essencia, a fama;
 Cysne, que, ao Tibre revolvendo o seio,
 Fez aréas banhar, levando as aguas
 Ao sitio onde jazia recostado
 Sobre crôas, troféos o Vate annoso. (1)
 Rolando em vagas o espumoso Tibre,
 Ao escutar-lhe a voz estende as praias,
 Encurtadas de novo, em novas aguas,
 Que, sedentas de ouvillo, disputavão
 Quaes as plantas beijar primeiro havião.
 Se Elle do Lacio foi a gloria, a honra,
 De Lysia a gloria vem raiar contigo.
 Ora bafejas rastejante engenho,
 Dando-lhe remontar sêu vôo aos astros,
 Ora no golfo sorvedor dos Tempos
 Do Zoilo abysmas a franzida testa:
 Teus versos dão sabor, dão gosto á vida;
 E, a nascer nelles, tremeráó meus Zoilos.
 Não me negues a mão, que os Genios vingá;
 Alenta os tibios sons, ó Vate, ó Nume:
 Eu vacillo sem ti, sem ti não posso

(1) Horacio.

Entrar o Mundo, que, risonho, esmaltas
Em férteis produções do Genio' alado ;
Mas, se amparo me dás, ousado tento,
Librado em teu louvor, sorrir meus Zoilos :
Comtigo existirei, sem ti sou nada.

José Joaquim de Sampaio.

Para o verso immortal, que dás á Fama,
Dos Ceos, qual Promethéo, roubaste á chamma.

Bocage.

Do Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

EPISTOLA.

*Tuque dum procedis Io Triumphæ,
 Non semel dicemus, Io Triumphæ,
 Civitas omnis; dabimusque Divis
 Thura benignis.*

TU, que á Lusa Nação, que á Patria nossa
 Dás gloria, dás brazão, dás ufania,
 Tu, que fazes marchar com poinpa ovante,
 (1) Apar da Lacia, e Franca, a Lingua Lusa,
 Tu, Cantor da Razão, Cantor das Graças,
 (2) Que humas vezes, ruindo impetuoso,
 Transpões, absôrto em estro, antigas margens,
 E, dando essencia nova a sons humanos,
 Pensando como hum Deos, como hum Deos fallas:
 (3) Ora, brincando c'os louçãos Amores,
 Risos, Prazeres de teus labios sóltas:
 Foge a Raiva, a Fereza ao canto ameno,
 E languida se ri a Natureza:
 (4) Outra vez, legislando imperioso,
 Amaveis tornas Leis, Moral, e Culto;
 O' tu, Vate de Lysia, Europa, Mundo,
 Salve, Elmano, humia vez, mil vezes salve!
 Lá d'esse immenso, radiante Estadio,
 Aonde Olivo rója, Elmano vóa,

Lá do Alcáçar da Gloria, a tantos invio,
 Presta meigo sorriso aos ternos votos,
 Que mil vezes formei, que hoje te envio:
 São de ardente Amizade estrêas ténues,
 De Virtude provêm, são de ti dignos.

Ah! Se dado me fora á honrosa crôa,
 Que tecendo te estão de Lysia os Genios,
 Juntar mais hum raminho a tantos ramos!
 Minh'alma, acceza em fogo desusado,
 Excedendo-se a si, cantar-te ousára.

Afigura-se á mente extasiada
 Ver Lysia com seus Filhos afanosa
 Exultar, dando pressa ao teu Triumpho:
 (5) Lá diviso na frente, Antesignano,
 O Velho honrado, o Vate, o grão Filinto,
 Com a crôa triumphal as mãos pejudas,
 Magestoso avançar, e os sons augustos
 Soltar assim da bôca veneranda:

- » Eis a crôa, que Lysia te decreta: »
 » Quando Lysia ta dá, Elmano, acceita-a. »
 » Se o Futuro avistar he dado aos Vates, »
 » Duração de Nestor te auguro, e fadó: »
 » (6) Tens-lhe a lingua de mel, terás seus dias. »
 » (7) Nunca a vida he mór bem que quando a cantas:
 » Ella escude o Cantor, que tanto a exalta. »
 » Ah! Feliz o Mortal, feliz três vezes, »
 » Que essa crôa te herdar, correndo os Evos: »
 » (8) Quando for morte, e cinza o que hoje he fogo,
 » Saudade, famá, e gloria a essencia tua! »

Olivo, Assentis.

N O T A S.

(1) Allusão ás excellentes Traducções de Ovidio , Poema de Tripoli , Consorcio das Flores , Jardins , Plantas , etc. , em que Bocage , hobreando sempre com os Originaes , muitas vezes os excedeo .

*Sume superbiam
Quaesitam meritis.*
Hor. L. III. Od. XXX.

(2) Horacio , fallando do Corifêo do estilo Poetico sublime , explica-se desta maneira :

*Monte decurrens , velut amnis ; imbres
Quem super notas aluere ripas ,
Fervet , immensusque ruist profundo
Pindarus ore.*

(3) Estilo erótico : quem duvidar que Bocage seja restante nelle ; leia o Tritão , a Traducção da Vestal , e alguns dos Sonetos feitos na sua doença , e com particularidade o que principia :

» Não mais , ó Tejo meu , formoso , e brando »

Bocage tem a ternura das almas grandes , a ternura , que (digamos assim) abafa o coração , e obriga o quanto a correr larga , e involuntariamente , e não a ternura frouxa dos Authores medianos , que só faz bojar , espreguiçar , e dormir .

(4) Estilo Filosófico , pouco cultivado nos nossos dias : supprido desastradamente por ninharias canó-

ras, que esbulhárão a Poesia do seu primario, e mais augusto objecto.

» *Fuit haec Sapiéntia quondam,* »
 » *Publica privatis secernere, sacra profanis,* »
 » *Concubitu prohibere vago, dare juramentis* »
 » *Oppida moliri; leges incidere ligno* »

Horat. Art. Poet.

(5) Dos nossos Poetas existentes, mais idosos, foi o Padre Francisco Manoel o primeiro, que elogiou Bocage, enviando-lhe de Paris a bellissima Ode, que anda nas mãos de todós; e vem no segundó tomo das suas Poesias. Este factó, e os seus tão relevantes talentos, o constituem devidamente Antesignano do Cortejo triumphal, que agora os Genios da Lusitania tem votado a Bocage na sua doença.

(6) Imitação de Homéro.

(7) Os saudosos Sonetos de Bocage, feitos na sua doença, serião o maior, e melhor preservativo contra a Autochiria mais obstinada.

(8) Este verso he de Bocage no Prólogo das Plantas.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

Vivitur ingenio, caetera mortis erunt.

Ovid.

EPISTOLA.

TRoou no centro da abalada Terra
 Trovão medonho, que bramio tres vezes ;
 O Inferno se espantou, e as férreas portas
 Se abrem de pár, em pár ; no centro escuro
 (Visto aq vislumbre de sulfúreas chammás)
 Se ergue hum Throno de ferro, horrendo, e triste ;
 Montões de seccos, escavados craneos
 Daqui, dalli, no pavimento jazem
 Desde a infancia dos Séculos, e crescem,
 E mais, e mais, c'os Séculos, se engrossão.
 De negro sangue fluctuantes rios
 Cercão o Throno infausto, os craneos cercão ;
 Occupa o negro Sóllo hum Monstro alado,
 Nas descarnadas mãos a foice empunha,
 Cujó Dominio, cujo Imperio he tudo :
 Monstro sem olhos, sem razão ; e embaixo
 Tem sentados aos pés, (sévos Ministros)
 A dura Febre, a trémula Velhice,
 Parocisimos crueis, e agudas Dores.
 Infatigaveis sentinellas, promptas
 Aos acenos do Monstro, ás ordens suas.
 Medonho grito deo ; nas margens tristes

Do Flegetente, do Cocito, as Furias
 Tremêrão de pavor: na frente as cobras
 Fazem, desfazem circulos, e silvão.
 Ensaia ao vôo as azas tenebrosas,
 Ergue-se, e rompe a Noite; o Inferno pára.
 O Crime as portas dos Abysmos abre
 Olha contente a Filha, e as portas fecha.
 Quanto falta de horror no escuro Inferno,
 Tanto horror ganha o dia, e tanto os Astros.
 O Sol a vio, e lhe fallece o lume:
 Cobre-lhe a face embaciada o manto
 Da tristeza, e da dôr: qual já n'outr'ora
 Girar o viste, oh Povo de Quirino,
 Quando victima foi de Roma escrava
 Soberbo Julio, o Sacerdote, Bruto.
 Vôa ligeiro o Monstro inexoravel,
 Turva-se o ar, e se enegrece o dia.
 Olha ao Occáo, ao Nascente, ao Sul, ao Pólo,
 E diz: he tudo o meu Imperio, he tudo.
 Músas, minhas não sois, nem tu, Virtude....
 Em vós o gume desta foice embota;
 O Fado vos escuda, o Ceo vos guarda:
 Quem vos cultiva, he meo; cévo meus odios
 Na substancia terrena, em mais não posso.
 Cortei os fios da doirada tã
 De Mantua ao grande Cysne, antes que extrema
 Pozesse a mão nas producções divinas,
 Que á Inveja, a mim, aos Seculos afrontão.
 (E impolidas, oh Fado! Eternas vivem!)
 Não vio a Gloria: meu triunfo he este.
 Se trôa lá no Elysio, he donde Jôve,
 Fóra do Imperio meu, dá Esfera minha.
 Eu mesma (e não me peza) eu mesma o loiro
 Nos ares suspendi, murchei nos ares,

Quando ao Rival d'Homero, e até d'Apollo
 Hia cercar a magestosa frente.
 Cahiste, oh Tasso, e nunca a minha foice
 Ousou cahir em victima tão nobre!
 Tu não foste immortal, roubei-te o loiro:
 Cobre teus ossos, teu sepulchro enfeita,
 Mas tu és cinza, és meu; Camões, tu mesmo
 Não viste a Gloria, e mereceste vèlla.
 Mas não me basta, insaciavel, tanto...
 Vulgares Frentes para mim são estas...
 'Tejo soberbo, és Emulo do Tibre,
 És em Cysnes, tambem, Rival do Eurotas.
 Meu Throno se esvaece á voz de Elmano;
 Tem por sua Rival sómente a Morte.
 Geme preza a seus pés, bramindo, a Inveja:
 Dos Genios Lusos o maior he Elle
 Quando d'Apollo os dons, e a voz das Musas
 Em repentinos turbilhões desata.
 Da Gloria ao templo o Mérito o levanta,
 Dos outros Vates no sepulchro a Inveja
 Pousa, e descança, e se apascenta em vivos;
 E apár delle cansou, e Elmano he vivo...!
 Abra a garganta o Tumulo... meu raio
 Não he como os de Jóve: as nuvens rasgão,
 Mil ateados são, e hum desce á Terra....
 Já serpeava o raio: alçou tres vezes
 A frente o Tejo espavorido, e tantas
 Nas margens d'e oiro os eccos ressoarão
 Dos gemidos das Tágides; o bando
 Dos alvos Cysne, sacodindo as azas,
 Hum choro levantou, qual se chegado
 Lhes fosse o triste, derradeiro instante.
 Da Mandovi, do Tejo, e Sado, e Ganges
 Carpindo as Nynfas, que o escutárão, clamão:

» Bem digno de perdão, se os surdos Manes
 Soubessem perdoar..! » Em tanto os Vates,
 Hum diamantino escudo oppondo ao Monstro,
 E que não podem versos! A sanhuda
 Foice nos ares encantada fica :
 Tal anguícoma frente ao Monstro oppunha
 Persêo piedoso, e Andrómeda soccorre.
 Inda suspensa está; respira, Elmano;
 Torcem-se os Fados, huma vez, e esperão
 Que hum Vate amigo te circunde hum loiro.
 Estro Febêo, que he Nume, e Gloria minha,
 O Sacerdocio, as Infulas me outorga;
 Endeosar-te posso; a mente acceza
 Se espraia no futuro, e volve as urnas
 Do teu Destino e vê teu nome eterno.
 Da Elysia Estancia se franquêa a porta.
 Os Bosques vejo que vaguêão Vates :
 Nos amenos vergeis quantos diviso!
 Alceo navegador, qual tu n'hum tempo,
 Sapho, que ardeo d'amor, qual arde Elmano;
 E Pindaro tambem; que a palma Elêa,
 Qual deste a muitos, aos Heróes já déra.
 Festival Aristóphanes, qual foste,
 (O Atico sal he teu) teus versos lião;
 De tantos Genios n'hum só Genio o fogo,
 E reunido, e concentrado, admirão.
 Com teu volume, e seu, d'Amor ao lado,
 O magestoso Ovidio, o terno, o tudo,
 Não sabe distinguir o quadro, a copia :
 Tu fallaras assim, se Ovidio fóras,
 Elle fallára assim se o Tejo o vira.
 Hum Vate excelso, que enobrece o loiro,
 (Que teus Monstros, teus Reis, Roma, lhe derão)
 Co'a vista, sombra, e fogo, immobil era

Em teu volume, Elmano, e volve, e admira
 Só de Medéa o canto, e a voz da Morte;
 Medéa só lhe apraz, apraz lhe o Inferno,
 Furias, Edipo, Capanéo, vinganças;
 Em ti se ufana, se conhece Estacio.
 Encobrem tuas magestosas nuvens
 Hum luminoso Céu, que a espaços brilha:
 A sombra, a escuridão, realça as luzes.
 Cospe o veneno a Furia do ciume
 No peito de Medéa, alli sufoca
 A voz de Amor, a voz da Natureza.
 Ternura maternal cede á vingança,
 Quando a Rainha dos Tartáreos Monstros,
 A espantosa Thesífone lhe firma
 Nas mãos o ferro, que degola Filhos.
 Sorrio-se Estacio, e diz: « Assim quizera
 Pintar furiosa a misera Jocasta
 Quando da freate, que o Remorso esfria,
 Vio arrancar ao Filho, ao Esposo os olhos,
 Victima triste, sacrificio infausto
 A's doces Furias, que gozou no leito,
 Na infame noite do Hymenéo nefando.
 Então Virgilio do sublime Throno
 Aos Vates exclamou: » He nosso Elmano:
 Na Terra foi rival, no Elysio amigo.
 Se a Morte o rouba ao Tempo, a Eternidade
 O acolhe no seu seio, ao nosso o envia....
 Eis o que vejo, o que te mostro: vences
 Na Terra a Inveja vil, no Elysio a Morte.

Por José Agostinho de Macedo.

Ao Senhor Bocage.

*Omnia deficiunt ; animus tamen omnia vincit :
Ille etiam vires corpus habere facit.*

Ovid. de Pont.

EPISTOLA.

EM agro sérro, de ascensão difficil,
Da difficil Ventura o lar sciutilla ;
Turba distante de Mortaes anciosos
Debalde, os olhos alongando, anhela
L'adigoso Mentor ao Nume ingrato :
Ingrato a tantos, e a tão raros meigo !
Inutil, custosissima pesquisa
Murchar não póde ao todo as esperanças ;
Cresce o desejo, fallecendo as forças,
E hum tempo aguardão de feliz alcance :
Daqui tira Constancia o nutrimento,
E ao deluso commum repouso espérge.

Indaga dor Filósofo, que estende
Os olhos da Razão pelo Futuro,
A tã do Futuro desligando,
Apparencias des-crê, mas não fraqueta ;

Firme no seu proposto , e igual em tudo ,
 Não se ufana c'o bem , c'o mal não geme ;
 Não que de Zeno co'as lições prestantes (1)
 Presuma d'esquivar-se ao sentimento :
 O Estudo , e Reflexão mudar não podem
 As Leis que a Natureza imprime n'Alma ;
 Porém o Estudo , e Reflexão repárão
 Em parte os males do Infortunio azêdo.

A Desesperação não remedêa ,
 A Desesperação definha , e mirra ,
 A Desesperação desata o pranto ,
 Potagem com que nutre a Desventura :
 Não succumbir ao mal he minorallo ;
 E , em quanto , represado o Sentimento ,
 Não reconhece da Desgraça o jugo ,
 Serena Fantasia , divagando
 Nos vergéis da Esperança mentirosos ,
 Olha , e cuida que he sua , e crê que alcança
 Copia gentil de suspirados gostos.

Raro o porto da Vida onde não ronca
 Procelloso tufão de avéssos Fados ;
 Mas , quando mais esturge a tempestade ,
 De apurada Razão c'o audaz esforço
 Sublimando á Constancia o tenue alento ,
 O Filósofo , o Sabio a fronte eleva.

A memoria , que os males exacérba ,
 Tambem minóra os males ; a memoria

(1) Allusão ao Soneto do primeiro Quaderno :

Dura Filosofia audaz forceja , etc.

Lenitivo te dê: recorre aos Fastos,
Olha quantos (e illustres!) tem sorvido
O Golfo abrangedor da Desventura!

Tem menos quem mais vale, o Sabio he sempre,
Ou quasi sempre, da Desgraça o alvo!

No ventajoso Seculo de Roma,
Quando Augustos, Mecenas acolhião
Os Alumnos Febêos, da Patria adorno,
Olha o nosso Nasão (olha o teu simil
Nos dons, na desventura) inda mais triste
Existir do que tu; doente, e pobre
Entre os Getas brutaes expatriado,
Entre os Getas servis, caterva esteril,
Milagres d'harmonia esperdiçando!
Por cúmulo de mal, saudoso Amante,
Furtado aos mimos da suave Amada!
Nem assim desmaiou o Vate egregio!
Das Musas, e de Amor, que o condemnára,
Com duplo fogo abraçada a mente,
Prodigios, e prodigios innovando,
Cem triunfos colheo da Desventura!
Votou-se á Eternidade, e vive ainda
Na memoria, na fama, pranteado,
Colossal Sustedor do jus de Apollo!

Dize agora se apraz á tua idéa
Do excelso Vate o vencimento excelso?
Dize se vale mais gemer sem fructo,
Ou, requintando o gáz ao sofrimento,
Barreiras decretar á mágoa, ao pranto?

Dura não, proveitosa, até precisa

Filosofia, forcejando, tenta
 O mesto pensamento luctuoso
 Enrijar, e não dar-lhe essencia nova;
 Tenta, e consegue, se as lições lhe acceptão,
 Amaciar espinhos da existencia.

O austero Oppositor do grande Cezar,
 O de Uttica, modelo de constancia,
 Embebido em Platão, dormio tranquillo,
 Acordou com o dia, e deo-se á morte:
 Basta-te menos, não temella basta;
 Não pesdeste em Pharsália as esperanças.

(1) D'Essex batalhador, d'Essex sublime,
 A quem deveo Britannia immenso lustre,
 Em premio ao tanto com que a Patria honrara,
 Vio, e sem susto, pérfida Calumnia,
 Atiçando ao Capricho a uescia flamma,
 Preparar-lhe indevido cadafalso:
 Vio, e soffreo, sem demudar no rosto!

Sóltas, não perseguido, o canto augusto;
 Sagrados turbilhões, com que flamejas,
 Grande na voz da Fama te erigirão;
 Consumida, attentando em teus progressos,
 Vencida pelos quadros da Verdade,
 Nem ousa fulminar-te a negra Inveja:
 Amão todos Elmano, Elmano chorão;
 Comigo (se de Elmano fallão) dizem:
 » Cercado de teimosas amarguras,
 » Quem tanto produzio, que não brotára
 » Se lhe sorrissem prósperos Destinos!

(1) Valido de Isabel de Inglaterra, e morto no cadafalso.

Repara como á intrepidez te exhortão ;
 Eia , não desmaiar ; em transe angusto
 Acima do commum romper o adejo
 Aos Fadados do Ceo sómente cabe ;
 Quasi sempre nos campos da Existencia
 Os espinhos co'as flores se matizão.
 Ditoso quem as colhe sem roçallos ,
 Mais ditoso o Filósofo que balda
 Com sabia reflexão seu duro effeito !

Por Nuno Alvares Pereira Moniz.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

*Non tua carminibus fit major gloria, nec quo
Ut major fiat, crescere possit, habet.*

Trist. Lib. II. vers. 67.

EPISTOLA.

S Em voz entre os clarins, que o Pindo atroão,
Que apár do teu, seu nome ao Lethes furtão,
Jazi, Elmano, de surgir medroso
Pot entre huma Mundo, que em morder se esfalfa:
Dando ao meu c'stro taciturno ensaio,
Lhe tolhi desatar mais amplos vôos,
Até que, a robustez experimentada,
Sem receio adejar podesse a Musa.
Mas que valem tenções contra Amizade? (1)
Contra graves razões, com siso expostas?

Cerrando os olhos às visagens tórvas
Da Critica mordáz, eis saio a campo:
Por entre insulsos turbilhões de mófar

Ides talvez correr, meus limpos versos,
 Limpos, do, tanto em vóga, enredo escuro;
 Que do Arabismo ás Eras nos remonta,
 E dos Nadas da Escóla nos recorda:
 Ides...mas não pavéz, que escuda o Vate,
 Gorda Pachorra, malograi os tiros
 De atrevido Censor, que vos tassalhe.

• Não careces de mim, por ti famoso •
 Nas igneas produções do culto engenho
 Tens brazão immortal, tens jus á Gloria,
 A despeito do Tempo, Inveja, e Fado;
 Mas da estrada vital chegado ao termo,
 Prematuro a cahir nas mãos da Morte,
 Fôra desdoiro da vertente Idade,
 Fôra eterno labéo, impresso a Lysia,
 Teus fados não carpir, e a perda nôssa,
 Com externos sinaes, que a dor exprimão.

A tristeza he meu ser: vezado ao pranto,
 A' voz da Natureza, á voz da Patria,
 Que, em risco de perder-te, em ais definha,
 Podia ensurdecer-me, a não ser tronco?
 A não ser producção de Hircanos tigres?
 O fundo golpe, que me abriu no peito
 O certo punhal da Morte crua;
 A vida fraternal (2) em flor talhando,
 Da sabia Lysia malogrando os votos,
 Inda não se fechou: meu sentimento
 Ha de em tanto durar, quanto a existencia.
 A Musa, que o chorou, jáz inda em pranto;
 Que o lucto fraternal nunca he sobejo:
 A' perda equivaler deve o lamento,
 E a perda foi commum aos seus, á Patria.

Já vês, Elmano, se disposta ao nójo,
 Huma alma não terei para carpir-te :
 Chorei naquelle o Irmão, que honrava as letras,
 Que da Historia sondando o denso arquivo,
 Do Criterio ao farol entrava ousado
 Nos vastos penetraes da Antiguidade :
 Que, alçando as vistas muito além da esteira,
 Que mil blazonão retrilhar com fructo,
 Segredos encarou, dignos de hum Newton. (3)

Em ti lamento, mais que tudo, hum Vate,
 Que a méta transcendeo, que tocãd raros ;
 Que, de genio sem pár, roçaste os astros,
 Onde Improvisador nenhum se erguera :
 Em ti pranteio o Traductor valente,
 Que á rara exactidão une a cadencia ;
 Que, bem que espezinhado, oppresso, e triste,
 A's mãos, já da Calumnia, ou já da Sorte,
 Entré os justos Mortaes, que as Musas prezão,
 E que em dar-lhes favor se esmerão, suão,
 Soubeste grangear alta valia,
 Com que os vaiyens da Inveja espedaçaste,
 E chegaste a subir ao grão, que occupas,
 Donde não cairás, em quanto as Musas,
 E o seu destro Cultor forem de preço.
 Sim, tu não morrerás ; a melhor parte
 (Se he dado ao Vate predizer futuros)
 Das tuas producções será eterna :
 Emparelha o teu jus co jus de Ovidio.

Ah ! Possas inda, malogrando os golpes,
 Que no aneurisma te dispara a Morte,
 D'entre as garras do morbo truculento
 Mais brilhante surgir, surgir mais doce

No Apollineo fervor, na voz, no metro ;
Qual d'entre as cinzas renascente Fénis,
De mais vivo matiz, mais nobre canto :
Votos do coração hum Deos approve.

F. Freire.

NOTAS

(1) A amizade, e as boas razões podem tudo em hum coração docil. Foi a instancias do meu Amigo o Senhor José Agostinho de Macedo, que me determinei a fazer esta Epistola, eu, que tinha concebido a resolução tenaz de não apparecer tão depressa com os esboços de hum genio ainda mal desenvolvido: muito mais devendo esta ser apresentada aos olhos de hum Juiz de tantos, e tão bem merecidos creditos. Confesso com toda a singeleza, que me he natural, que ao lêr, e repizar com attenção esta chamada Epistola, não pude eu mesmo deixar de a censurar com os dois seguintes versos de oiro do meu muito prezado Ovidio: expressões da mais ingenua modestia:

*Cum relego, scripsisse pudei: quia plurima cerno
Me quoque qui feci, iudice digna lini.*

De Pont. Lib. I. Eleg. V.

(2) Fallo do meu chorado irmão, o Conego Regular D. Antonio da Visitação, Freire, Lente da Cadeira de Historia, e Geografia no Collegio dos Padres Vicentes, e Socio das duas Academias Portuguezas, Real das Sciencias, e Maritima, morto no primeiro de Março do anno passado de 1804. A erudição vastissima deste Sabio era tão conhecida do Publico litterato Portuguez, que não pude reputar immodesto o elogio, que neste lugar lhe teço.

(3) Alludo neste lugar á Memoria do dito meu irmão, lida em huma das primeiras Sessões da Sociedade Maritima debaixo deste titulo: Memoria, em que se mostrão as ventagens do estudo da Geografia Nau-

tica nas Reaes Aulas da Marinha, e o Plano do seu ensino. Os seis artigos deste Plano dão a prova mais decidida do fundo Mathematico deste Genio pouco vulgar.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

*O Genio que me inspira o sacro alento,
 Com que trianfante dómo
 A torpe Inveja, o negro Esquecimento,
 Em meus hymnos, cercado de altos loiros,
 Te levará aos Seculos vindouros.*

Diniz. Od. XXVIII.

O D E.

Cedendo á fúria da raivosa Idade,
 Rúem por terra marmores, e bronzes;
 Pyramides, Colossos,
 Rival a Eternidade olhando apenas,
 Ao raio assolador baqução, morrem.

A dura Mão que os Seculos transmuta,
 Que os Reinos faz volver ao pó, ao nada;
 Alardeando estragos,
 Senhorêa, victima, arraza, estingue,
 E folga com o mal que abrange os Orbea.

Elmos, arnezes, bacinetes, malhas
Não são pavez seguro ao ferro, á morte,
 Não vale humano esforço:
Tem fragil duração mundano fasto,
E na idéa sómente o preço existe.

Togas, Tiaras, Purpuras, e Sceptros,
Onde fátua Ambição desejos ceva;
 Os Solios magestosos
Em que outr'hora reinou Virtude, e brilho,
Vão no Lethes perder essencia, e nome.

Folga em tanto de alçar-se além dos Astros
Padrão que sobre os Séculos se erige:
 As Filhas da Memoria,
Que a propria duração escudão, zelão,
O Tempo, a Morte, os Fados agrilhoão.

A Lei universal se esquivava o Genio
Em cuja voz se escuta o Delio Nume:
 O Cantor de Venosa
Alteando no metro acções de custo,
Comprou a si, aos mais da Fama o brado.

Que fôra dos Herões que honraráo Roma,
Se o Mantuano plectro não vibrasse
 Alti-canora Musa!
O Universo perdêra o bem de ouvilla,
Ella a gloria de dar-se á voz dos Evos.

O Genio que Ulysséa encheo de assombro,
Camões, que mais que os Astros resplandece,
 Dos Annos triunfando,
Todo não foi de Libitina ao Reino,
Vive delle a memôria, os versos vivem.

Soncro Coridón, tão charo ás Musas,
 Albano encantador, mimoso Alcino,
 Dignos filhos d'Apollo,
 Por quem o Tejo, o Doiro ind' hoje chorão,
 Vós, da Inveja apezar, sereis eternos.

Tu, Lusitano Pindaro sublime,
 Elpino magestoso, honrando aquelles,
 Que o Ganges assustado
 Fizerão recuar, nadando em sangue,
 Do Sabio, que te lê, na idéa vives.

Qual entre humildes, e rasteiras plantas
 Avulta durador Carvalho altivo,
 Por ser a Jove acceito,
 Onde o raio não cruza altêa a fronte,
 Dós rijos Notos desprezando a furia;

Ou qual do dia o Luminar brilhante,
 Que ao Mundo Planetario empresta os lumes,
 Alma da Natureza,
 A cuja quéda as espantosas Sombras
 Dão tua côr, Inferno, á Terra, aos ares;

Tal, entre os Cysnes do soberbo Tejo,
 Soltando a voz, que os Ventos adormece,
 As alterosas Vagas,
 Trocando os turbilhões em doce calma,
 Folgão de ouvir-te, deleitoso Elmano.

Do Thebano Cantor prodigios-cale
 Musa que finge da verdade as côres:
 Do Sulmonense Vate
 Cesse agora o clarim, que o Pindo guarda:
 Escute-se o Heróe, e não meus versos.

Não mente a Musa que d'Elmano canta ;
 A' Lisonja fallaz ; que os vícios doita ,
 Altares não erijo ;
 He meu Nume a Razão , e honrar seu nome
 He á voz de Ulysséa unir meu brado.

Que doces suggestões não fervem n'alma
 Ao grato néctar de engenhoso metro !
 Ou quando em branda rima
 Pintas de Armia os mágicos sorrisos ;
 Por quem Jove perdéra o ethéreo Sôfio ;

Ou quando , louco d'infernaes Ciumes ,
 Do Estro ás fontes endéosado corres :
 Em tua voz tropeja
 O Nume carrancudo , ou , ledo o rosto ,
 Dos Elysios no Mundo entorna as graças.

Frenética d'amor, Medéa vejo
 No sangue de Jason , que hê sangue della ;
 Tingir as mãos crüentas ;
 Ternura de Héro , de Leandro extremos
 Olho em teus versos , que mil vezes leio.

De Lille nas florestas embrenhado ,
 Ou de Ovidio imitando o estro , os vôos ,
 Apar da Eternidade
 Avulta o nome teu , avulta o Génio ,
 Que Mil te invejão , que Nenhum te iguala. (1)

Quando , abatidas existencia , e forças ,
 Em si mesmo se abyssma o Pensamento ,
 Teu Estro inextinguivel ,
 A primitiva essencia conservando ,
 De novos loiros te guarnecé a frente. (2)

Aquella que de Jove as armas guarda,
Receando encarar de Febo os raios,
Remontar-se não ousa !
(Temendo o premio de altivez soberba,)
Sem ver que ás forças o desejo iguala.

Mas eu que, usado a pequeninos vôos,
Mal sei librar-me nas implumes azas,
No mar de teus louvores,
De Icaro a sorte desdenhando afoito,
Ver submersa não temo a Musa minha.

Musa que aspira a magestoso assumpto,
Do Heróe no louvor encontra o brilho:

Tal eu, eximio Vate,
Afianço em teu nome a gloria minha.
Acolhe os versos meus: não temo os Zoilos.

Ao Tempo, á Morte, aos Lethes sobranceira,
Ilesza vivirá tua memoria:

Se com versos compraste
A' Lysia, á Patria, ao Mundo estima, e nome,
Feliz Posteridade, Elmano, he tua.

Pedro Ignacio Ribeiro Soares.

NOTAS.

(1) Se mereceo Camões o insigne titulo de Principe dos Poetas do seu tempo, hum Genio, com quem Apollo parece haver repartido o Sceptro da Poesia, he digno de hum titulo igualmente honorifico; e huma eterna memoria deve ser o tributo que lhe consagre não só a Nação Portugueza, mas aquellas onde tem penetrado a fama de seus sublimes escritos.

(2) Allude-se ás Poesias que mesmo na sua grave enfermidade tem composto, o que prova bem o seu inflammado enthusiasmo. D'entre as suas obras próximamente produzidas, hum Soneto que começa:

» Nestóreos dias que sonhava Elmano. »

merece na intelligencia dos Sabios ser gravado em letras de ouro.

As suspiradas melhoras do meu Amigo Bocage.

*Corpore se junctus dolor absit, mente fruatur
Jucundo sensu, cura semota, metuque.*

Lucr. Lib. II.

ODE EPODAICA.

Immensas vezes pluvioso Arcturo
 Enluta os limpos ares
 De espessas névoas, que o Horisopte abafão ;
 Pavoroso estampido
 Nas ethéreas abóbadas rebomba ;
 Fulgurante centelha
 Horrisona retalha as nuvens prenes ;
 Pelas vastas campinas
 Do pródigo Colono as esperanças
 Boiando, se dispersão ;
 Cahem despenhadas d'empinadas rochas
 Furiosas torrentes,
 Que rodão pedras, desarreigão troncos,
 De Séculos guardados :
 Mas o brilhante Deos que o Mundo anima,
 As procellas aplaca ;

Os insofridos esquadrões dos Euros
 Em negra furna aferra
 Com sonoras cadeas d'aço puro,
 Onde fremem raivosos:
 Qual no Templo de Jano a horrivel Guerra
 Indomita se rala!
 Não d'outro modo a tétrica Doença
 Obumbra os claros dias
 Que em ti, Elmano, Phebo immortaliza...
 Já, já da Inveja aos urros
 Feróz Caterva do Cocyto surge,
 De peste em denso globo,
 Feróz Caterva, submergida ás settas
 De hum Deos que em ti fallava!
 Torcendo os olhos, erriçando as serpes,
 Os negros fachos soprão,
 E á grande Imagem, que te erige a Gloria,
 Enfurecidos vôão,
 Vôão em vão, que denegrir não podem...
 Eis a Deosa, eis a Deosa,
 Que nas azas dos Evos se equilibra,
 A teu semblante corre
 Aureo manto, de estrellas recamado,
 E da celeste boca
 Solta voz argentina, que retumba
 No Ártico, no Antártico...
 » Não escurecem detestaveis sombras
 » O clarão de que adórno
 » Monumentos que o Mérito me offerta!
 » Seja-lhes Fado adverso:
 « Mais, mais possantes que a Desgraça, e a Morte,
 » Vio Roma, vio Athenas
 De Ovidio, Tulio, Sócrates, Homero
 » Os nomes gloriosos:

- » So ingrata a humana Especie os seus devotos ;
 » E victimas entrega
 » A's cruentas Paixões, que a tyrannião ,
 » The-iconios semblantes
 » Em vão não honra expiatorio Pranto !
 » Fieis á eterna Origem ,
 » A's charas Sombras dão devidos votos ,
 » E nas luctuosas urnas
 » Lanção , saudosos , rociadas flores !
 » Quando horrivel Destino
 » Ao Numen de Epidauro as Leis transverso ,
 » Este , que intacto vélo ,
 » De Lysia ornato , de Castalia mimo ,
 » Repostado em meu braço ,
 » Do ruidoso Trovão sulcando o abysmo ,
 » Ençate a Eternidade ;
 » E novo Cysne , nova Lyra brilhem
 » Na Região das Ursas , »

Pena-me que o Author desta Ode , tão honrosa para mim , e para elle , quizesse injustamente occultar o seu nome.

Nota de Bocage.

As Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage,

I D Y L L I O.

*Extinctum Nymphae crudeli funere Vatem
Flebant: vos coryli testes, et flumina Nymphis.*

Virg. Eglog. Daph.

A L M E N O.

CObria a Sombra máxima as montanhas,
Da Eternidade a Irmã, e Mãe dos Deuses,
Sceptro de chumbo em punho, e sobre os olhos
Descido escuro véo, porque não visse
Do Sol, ausente já, nem tibios rastos,
Com o Esposo Silencio ao lado, o nosso
Hemisferio em seu Carro dominava:
Diante as Horas rápidas voavão,
O caminho ensinando ás surdas Pias.
Era marmore o Mar, mudez os Bosques,
Deserto a Aldéa, e todos nossos Campos
Propria imagem do seio dos Sepulchros.

Então eu malfadado, eu da Tristeza,
Victima infausta, que no rosto trago
Sua imagem, affeito me entranhava
Por entre mausoléos, sombras, horrores,
Negro Cortejo do Gigante Medo:
Eu encarava, e sem temor, o Monstro,
Que, firmado no chão, frente nos Astros,
Causando espanto, entre elles se antolhava

O enorme Leviatan, quando passava
 Por entre serras de batida espuma,
 Dilatadas campinas de Neptuno,
 De habitantes menores rodeado.

Sentado junto a funebre cypreste,
 Nestes quadros d'espantos, de terrores
 Meu coração cevei, cevei minh'alma:
 Com mésta languidez, chorosos versos,
 Qual Dusch eu suspirei, não como Dusch (1),
 Ingratidões da perfida Marília,
 Divina em tudo o mais, mortal só nisto;
 Excessos meus baldados, meus tormentos:
 Eis de minhas Canções o triste objecto;
 E sobre a Lyra d'evanó cem vezes
 Falsearão os sons á mão tremente,
 Os soluços a voz entrecortarão:
 Alguns dos Manes, que das campas frias
 Sahirão a gyrar (Costume) o Mundo (2),
 Em quanto o Sol de Thetis goza os braços,
 Apinhados emtorno a mim ouvirão,
 E chorarão comigo a infausta historia:
 Tanto interessa hum triste os tristes todos!

Ao longo do horisonte já luzia
 A Esposa de Titão, filha de Titan,
 Perlas chorando, rosas espargindo;
 Fugia a Noite c'o Pavor, e os Crimes,
 Rião-se os Prados, atéli sombrios,
 E em vez de Mochos, a piar nas campas,
 Orfãos dos bosques atroavão tudo.

Eu, inimigo eterno da alegria,
 Deixo o funéreo sitio, a passos lentos
 Para as margens do Sado me encaminho;

Chego, que nova scena! O velho Rio,
 Afflicto, sem enfeite a nivea trança,
 Nas alvas costas mádiça goteja (3):
 As lindas Filhas, Driades, Napeas,
 As Graças, nús Amores, sem aljavas,
 Outros partindo envenenadas setas,
 Emtorno a hum cenotaphio suspiravão;
 Lançavão lindas flores a mãos chéas:
 E'co em os montes, e os rochedos mesmo
 Estalavão de dor, tambem gemião
 Paro, diviso as Graças, e Amoruhos,
 Ferindo os peitos, e ás madeixas d'oiro
 As bellas mãos lançando, Elmano he morto,
 Exclamarem: quem ha-de de hoje ávante
 Cantar nossas emprezas, e triunfos?
 Elmano he morto, pereceõ com elle
 Todo o nosso poder: Amores, Graças,
 Já não, somos vulgares Moços, Nynfas.
 Ah! Porque immortaes somos, nem podemos
 D'Homens, e Deoses Pai, seguillo á campá (4)!

Aqui de novo se derramão flores;
 O Sado diz: qu' em breve se murcharão
 Lédas espranças que me déra Elmano!
 Qual eu abria em sonho lisongeiro
 Infindo espaço á minha, e sua gloria!
 Já me fingia vello, acceso todo
 No sacro fogo, emanação de Jove,
 Apar do Luso Homero, ou perto delle,
 Resoluto embocando E'pica tuba:
 Já via os batalhões de Lusos Martes,
 Com a espada luzente, ou raio em pünho,
 Fulminando diluvióes de ruinas,
 Os Socios desmaiár, mandar ás furnas,
 Onde impéra Plutão, onde esbravejão,

E cevão-se no horror da Noite as filhas.
 Já via Jasons Lusos, arrostando
 Furias d'Eólo, furias de Neptuno,
 Pélagos em serras, Ceos em labaredas,
 Novas linguas ouvir, ver novos Astros,
 Passar Ilhas de géllo, e transplantarem
 De Lysia o tronco annoso em Mundo ignóto.
 Sonhei, o vèo se corre: Elmano he morto;
 Foi seus versos cantar apar de Jove;
 Morreo, oh! malfadado, em terra alheia;
 Nem o Fado me deo, com mansas ondas,
 Os Loireiros regar que rodeassem,
 C' os Phebéos Cyparissos, seu Sepulchro.
 A honra vã de hum Cenotaphio he quanto
 Tributar-te me he dado, ó Vate excelso!
 Só teus versos de ti me offertão parte (5).
 O' Delille, ó Castel, nos Jardins vossos (6),
 Entre os da Natureza bons Cantores,
 Hum busto levantai ao meigo Vate,
 Que vos fez conhecer na culta Lysia.
 Calla o Divo Ancião; nas longas barbas,
 E nas faces lhe rôla crebro o pranto.
 Por seu mando das Nynfas a mais bella,
 Bella em rosto, bellissima em madeixas,
 Segunda a Venus, a não ser Marilia,
 C'o a delicada mão industriosa
 Na lápida escreveo: *O Vate Elmano,*
 Dos Amores Cantor, gloria do Sado,
 Aqui jaz... bia a pôr: suspende ó Nynfa,
 Elmano inda respira, a Fama brada
 Do sonoro clarim no som contente,
 E n'um grupo de nuvens desce ás praias.
 Tão ligeira não he noite serena
 D'Estio, ou Primavera, quando vemos
 Rápido cahe dos Ceos sidéreo lume.

Vive Elmano ! Geral transporte exclama,
 Graças, Nynfas, Amores, mesmo o Sado ;
 Absórtos, transportados, correm, vagão,
 As desgrenhadas tranças sem grinalda,
 » Vive Elmano : reciprocos se dizem :
 Tal constante Donzella, que julgára
 Extincto o terno Amante ás mãos de Marte,
 Descontente prantêa, e vive em trévas.
 Se inopinado o vê buscalla ancioso,
 Primeiro o crê visão ; mas quando em breve
 O palpa, vê que existe, que não sonha,
 Lança-lhe ao cólo os melindrosos braços,
 » E's tu, meu Caro, diz, treme, desmaia.

Vive Elmano, outra vez repete a Fama,
 Falsa noticia te illudio, ó Sado ;
 Elmano existe, o Tejo fervoroso
 Por elle, sem cessar, a Jove implora ;
 Cada dia seu nome eleva aos Astros
 Cópia gentil dos Ulysséos Cantores,
 Capazes de o levar da Gloria ao Templo,
 So aos pés desta immortal Filha de Jove
 Ainda o não guiára a loira Erato.
 Entr'elles coroados se avantajam
 Melibéo creador, das Musas gloria (7),
 D'Ovidio grão Rival, que d'Ulysséa
 Sobre a trágica scena trovejando,
 Fez tremer, soluçar os Marcios filhos.
 Disse a Deosa, e ligeira as nuvens galga.

Eis do Sado atéli tristonhas margens
 A alegria do Elysio em si trasladão.
 Oh ! Cem vezes mais qu'eu, ditoso Elmano !
 Nasces, vives d'Amores ladeado,
 Eu nos braços d'aspérrimo Desgosto :

Achas no Mundo o Ceo, eu acho o Inferno,
 E quando falsa nova te faz morto,
 Chorão-te a Patria, Nynfas, e Pastores.
 Ah! Se a Morte, apiedada dos meus malés,
 Os meus olhos certar, que o prazer foge,
 Talvez, talvez não haja hum fido Amigo,
 Que mesto, nébias lúgubres me entõe,
 E talvez... oh maior dos meus pezares!
 Té as cinzas no tumulo me insultem.
 Vive pois, e se o Ceo ouve os meus votos,
 Calcando a fronte á Furia que te ancêa,
 Inda o Sado verás, e o Tejo ufano,
 Nas auri-ricas, alvejantes margens,
 Por ouvirem teu canto, demorados.

NOTAS.

(1) Dusch suavissimo Poeta Elegiaco , talvez o que neste genero levou a palma a todos os modernos. Bem sei que este agudo ha de desagradar a muitos ; porém Tasso , Ariosto , Marino , Annibal Caro , o nosso Camões , que sem escrupulo usárão de agudos nos seus elegantissimos escritos , são para mim de maior authoridade.

(2) Veja-se Propercio :

- » *Nocte vagae ferimur , nox clausas liberat umbras.*
 - » *Errat et objecta Cerberus ipse sera.*
 - » *Luce jubent leges letheae ad Stagna reverti ,*
 - » *Nos vehimur , vectum Nauta recenset onus.*
- Prop. Lib. IV.

(3) A palavra = Costas = tem exemplo em Poetas dignos de imitação. O nosso Camões diz , fallando do Tritão no fim da Estancia :

- » *Ostras , e herbigões de musgo çujos ,*
 - » *A's costas com a casca os caramujos.*
- Lus. Cant. VI.

(4) Este epitheto dá Homero a Jupiter :

Τοῖσι δὲ μύθων ἤρχε πατρὸς ἀνδρῶν τε θεῶν τε.

Odys. Lib. I. vers. 28.

(5) Imitação de dois bellissimos versos de Mr. de Saint-Lambert , no Poema das Estações.

» *Perda pour ses amis, il vit pour L'Univers :*
 » *Nous pleurons son absence, en répétant ses vers.*
 Estac. Canto IV.

(6) Mrs. o Abbade Delille, e Ricardo Castel, excellentes Poetas Francezes. O primeiro, Author do sublime Poema intitulado os Jardins : o segundo, Author de outro intitulado as Plantas : ambos vertidos pelo Senhor Du-Bocage. Aqui se allude a huma passagem do Poema das Plantas : seu Author colloca n'um verde, e ameno bosque os bustos dos Poetas Bucólicos, ou que tratarão assumptos rusticos. Veja-se o IV. Canto deste Poema.

(7) O Senhor Miguel Antonio de Barros : allude-se ás suas tres excellentes Metamorphoses, e á Tragedia = Elaire = Composição sua original, digna do brilhante successo que teve na Scena.

De José Maria da Costa e Silva.

*Ao novo , abençoado Fructo com que o Ceo felicitou os
nossos maito amados Principes.*

S O N E T O

De Improviso.

Quando abriste os gentis, serenos lumes,
O' de sagrado Amor Penhor sagrado,
Taes futuros te deo, risonho, o Fado:
(Eu o sei, confidente eu sou dos Numes.)

De encantadores, divinaes costumes
Serás Nórna querida, Exemplo amado,
E gozará teu Ser, divinizado,
Aras, Ministros, cânticos, perfumes.

Co'a dextra, que milhões de Mundos móve,
Ser-te-hei guia, e na Terra hei-de esquivar-te
De tudo o que nos Astros não se appróve:

Luz, e gloria contigo o Ceo reparte,
Régio Fructo de Heróes, e nunca Jóve
Tanto o que era sentio como em criar-te.

Bocage.

F I M.

MC
9261
B49
AG
1805

THE LIBRARY
UNIVERSITY OF CALIFORNIA
Santa Barbara

**THIS BOOK IS DUE ON THE LAST DATE
STAMPED BELOW.**

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



B 000 013 212 6

